

Olhando através da Janela do tempo: memória e história do Curso Normal¹

Karin Sewald Vieira*
PPGE/UDESC

Eixo Temático II: escola normal/curso de magistério

RESUMO

O propósito deste estudo é discutir as práticas escolares do passado, a partir das memórias e fotografias extraídas do livro “Janela do Tempo: um álbum de recordação”, escrito por uma ex-aluna do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação (IEE), da turma de 1965-1967, publicado em 2007. Isso significa trazer a imagem fotográfica, selecionada pela memória desta ex-aluna para compor seu livro, com vistas a capturar outras imagens de um tempo na escola. Acredita-se, assim, estar contribuindo para a memória e história do Curso Normal do IEE e, também, para a produção de histórias da educação catarinense.

Palavras-chave: História e Memória; Fotografias; Práticas Escolares; Curso Normal.

¹ Texto apresentado como requisito parcial de avaliação na disciplina “História da profissão docente: memórias de professores”, ministradas pelas professoras Dra. Gisela Eggert-Steindel e Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva. Mestrado/PPGE/UDESC, 2011.

1. Introdução

O presente estudo tem a intenção de apresentar uma leitura de práticas escolares do passado a partir de fotografias extraídas de um livro de memórias, escrito por uma aluna que frequentou o Curso Normal do Instituto Estadual de Educação (IEE), em meados da década de 1960. Trata-se do livro comemorativo, aos 40 anos de formatura no referido Curso da turma de 1965-1967, “Janela do Tempo: um álbum de recordações” por Berenice Maria Sell do Vale Pereira, publicado no ano de 2007.

A motivação para esse trabalho se articula aos novos propósitos da história da educação. Como um campo de pesquisa, a história da educação vem buscando o alargamento e a constituição de novos objetos, fontes e abordagens. Sujeitos até então esquecidos, crianças, mulheres, operários e, ainda, fontes consideradas não-científicas como, por exemplo, as fotografias, passam a ser valorizadas para a escrita da história da educação.

Nesse âmbito, podem-se citar os estudos e publicações provenientes da história da educação que buscam na memória uma fonte de pesquisa. No conjunto desses estudos, é evidente o destaque para os trabalhos realizados a partir da memória de professoras como, por exemplo, *Práticas de Memória Docente*, de Ana Chrystina Mignot e Maria Teresa Santos Cunha (2003) e *Professoras: História e discursos de um passado presente* de Beatriz Fischer (2005)². De outra maneira, observa-se que poucos são os trabalhos na história da educação produzidos a partir da memória dos alunos.

A coletânea intitulada *O Curso de Lourenço Filho: na escola normal do Ceará*, organizada por Bastos e Cavalcante (2009), pode ser considerado um exemplar significativo. Para trazer e ampliar conhecimentos sobre a vida e obra do educador brasileiro Lourenço Filho, essa coletânea apresenta como fonte as anotações realizadas por ex-alunas, da Escola Normal, de Fortaleza, no início da década de 1920³.

Com efeito, se a história da educação envolvendo práticas escolares do passado é tecida também por múltiplas representações dos sujeitos a partir de suas memórias, essa escrita inclui a memória dos estudantes. Trazer, portanto, para a discussão o que contam

² MIGNOT, A. C. V. & CUNHA, M. T. S.(Orgs.) *Práticas de Memórias Docentes*. São Paulo: Cortez, 2003; FISCHER B. T. D. *Professoras: Histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

*Aluna regular do Mestrado em Educação/PPGE/UDESC/turma 2012

³ “Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia” são dois cadernos elaborados pelas alunas normalistas.

esses sujeitos sobre um ensino, uma instituição, significa considerar os processos internos da escola produzindo práticas que contribuem para a escrita de uma história da educação.

Aqui se entende por memória toda representação seletiva do passado, onde espaços, tempos, vivências, nomes, pessoas e tantos outros aspectos se misturam a cada momento criando imagens que nunca se repetem (STEPHANOU, BASTOS, 2005, p. 420), toma-se o livro “Janela do Tempo: um álbum de recordações” como um sentido produzido pela memória de uma aluna do Curso Normal do IEE. Nessa perspectiva, como um procedimento de análise, busca-se discutir as práticas instauradas no período de 1965-1967, por meio das fotografias selecionadas pela memória da aluna (autora) para compor o referido livro.

A respeito da fotografia como fonte para a escrita da história da educação, pode-se citar o artigo “No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares”, de Diana Gonçalves Vidal (2009). Neste trabalho, a autora discorre sobre a categoria cultura escolar a partir de três questões, a reflexão acerca da conservação e da inovação em educação, a atenção à cultura material como elemento constitutivo das práticas escolares e a valorização dos sujeitos escolares como agentes sociais. Para tanto, relaciona questões teóricas a fotografias e recorre a exemplos tomados do estudo histórico sobre a escola pública em São Paulo no século XIX.

Bencosta (2011), no estudo “Memória e Cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba”, procura demonstrar a potencialidade do uso da imagem fotográfica para a compreensão das culturas escolares. Para esse pesquisador “além de ser uma interpretação do real, a fotografia é um vestígio diretamente calcado sobre o real, como uma pegada” (p. 398). O referido pesquisador argumenta que a fotografia deve ser tomada como uma fonte possuidora de sentido, ultrapassando a ideia do seu uso como mera função ilustrativa nas pesquisas.

Sendo assim, considerando memória e fotografia como fontes – documentos – também para a escrita da história, busca-se nesse estudo discutir as marcas de práticas do passado no processo de formação das alunas e futuras professoras. Isso significa trazer a imagem fotográfica, selecionada pela memória de uma ex-aluna para compor seu livro, com vistas a capturar outras imagens de um tempo na escola. Acredita-se, assim, estar contribuindo para a história do Curso Normal do IEE e, também, para a produção de histórias da educação catarinense.

Nesse sentido, interroga-se: - de que forma a ex-aluna organizou o livro? - o que fez essa ex- aluna, autora do livro, abrir a janela do passado, 40 anos depois? - quais são suas lembranças, esquecimentos e representações daquele momento histórico, a partir das fotografias que selecionou para compor o livro?

2. Do livro “Janela do Tempo: um álbum de recordações”

O livro “Janela do Tempo: um álbum de recordações”, escrito por Berenice Maria Sell do Vale Pereira e publicado no ano de 2007, é comemorativo aos 40 anos de formatura da turma de 1965-1967, do Curso Normal do IEE. A autora é uma ex-aluna do referido curso que se utiliza da metáfora do tempo contemplado de uma janela. Posicionada, então, dessa janela, Berenice observa o passado como se fosse uma paisagem que lhe deixou lembranças, um tempo inalcançável do qual sua memória busca fragmentos.

Nessa direção, a partir de uma apresentação, prefácio e quatro capítulos, distribuídos em 118 páginas, a autora explora no livro aspectos históricos da escola, referências da turma no período de estudantes, bem como, da turma nos períodos posteriores à formatura. Percebe-se, pois, sua intenção em registrar a memória e, também, resguardar os momentos vividos no presente⁴.

A apresentação contém o registro das palavras proferidas pelo diretor do Curso Normal do IEE, professor Aldo Nunes, na ocasião da comemoração dos 25 anos de formatura⁵. Um dos trechos desse discurso se refere as lembranças, as imagens e as saudades dos anos de convivência no Instituto de Educação. Ao propor esse registro como forma de apresentação, nota-se que a autora enseja estabelecer uma relação passado/presente, fazendo também uma homenagem ao professor Aldo Nunes que veio a falecer em 2004.

O prefácio é escrito por Luiz Teixeira do Vale Pereira, marido da autora, enfatizando que mesmo sem nunca ter estudado no IEE, ele fez parte de sua história desde a infância até a vida adulta, os prédios, os encontros entre as colegas tudo isso alinhavado por seu casamento com Berenice. Luiz ainda apela para a importância do trabalho de reconstrução da memória, principalmente, quando os momentos registrados

⁴ Desde 1992, ano de comemoração dos 25 anos de formatura, esta turma se encontra regularmente, em almoços, lanches, jantares e viagens.

⁵ Obtido por meio de gravação feita por uma colega da turma, Laura Kilian Martins, na época da formatura.

foram vividos pelos próprios personagens da história. Assim, afirma que o livro tem o objetivo de “revirar o terreno fértil da lembrança” (PEREIRA, 2007, p. 12).

No primeiro capítulo ou “Nos tempos do IEE”, percebe-se o envolvimento da autora em pesquisar em arquivos e acervos⁶, selecionando fragmentos do passado que povoam sua narrativa, contendo espaços, pessoas e sinais de um tempo. Inicialmente, apresenta-se a história da Escola Normal Catharinense, retomando discussões sobre os tempos republicanos, seus prédios e diretores. Para tanto, Berenice utiliza-se do recurso de fotografias para compor essa história.

Ainda nesse capítulo, a autora aponta os locais escolhidos para as solenidades de formatura que privilegiam espaços importantes da cidade de Florianópolis, a missa na Catedral, a formatura no Teatro Álvaro de Carvalho e o baile no Clube 12 de Agosto. Por fim, por meio de uma fotografia do diploma das normalistas de 1967, Berenice explicita o vínculo do IEE com a então Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina/Fundação Educacional de Santa Catarina⁷, hoje UDESC.

O segundo capítulo é dedicado aos encontros entre as colegas organizados a partir da comemoração aos 25 anos de formatura. Denominado de “Matando a saudade”, esse capítulo busca reproduzir através de fotografias os 26 encontros realizados entre 1992 até 2007, divididos por ano, identificados pelo local e o tipo de festividade realizada.

No terceiro capítulo, intitulado “Diários de Classe”, as lembranças das passagens da época de estudantes normalistas são escritas em forma de pequenas crônicas que, segundo a autora, misturam um pouco de ficção a realidade vivida. As histórias relembram transgressões, brincadeiras e vivências protagonizadas pelas alunas e por seus professores, dentro e fora do IEE.

No último capítulo ou “O hino do IEE” a autora apresenta a história da composição do hino associada à história de seus autores. O referido hino foi composto por Álvaro Sousa, com letra de Horácio Nunes Pires. A autora finaliza esse capítulo e, também, o seu livro com a letra e a partitura do hino do IEE.

É, sobretudo, por meio de lembranças misturadas à escrita e ao recurso da fotografia que a ex-aluna (autora) vai tecendo sua história e de um tempo de formação no IEE. É sua memória que seleciona fragmentos, de momentos vividos no Curso

⁶ Nas referências do livro, são identificadas as instituições onde se encontram esses acervos e arquivos.

⁷ Sobre esse assunto consultar Aguiar (2008).

Normal do IEE. Esse movimento de escrita e seleção, a partir da memória é o documento, o indício de pistas de um tempo que não volta mais: o passado.

Mas, se na escolha do título a autora elege como símbolo a janela, espaço de uma obra arquitetônica que permite ‘olhar para’, ‘olhar sobre’, também, é este símbolo que parece justificar sua intencionalidade. Ou seja, conforme as palavras da autora: “esperamos que este livro abra a memória de cada um de nós”(PEREIRA, 2007). De outra forma, também, esse símbolo se faz presente sob a forma de fotografias compondo o olhar visto através dessa janela⁸. Pode-se dizer que são imagens da memória vinculadas a espaços que se tornam lugares, porque socialmente construídos.

E nessa perspectiva, que se propõe a análise do presente texto. Intenciona-se, portanto, atravessar por essa janela já composta e moldada pelo olhar e memória da ex-aluna e, a partir daí, elaborar uma nova seleção deste olhar. Para tanto, foram escolhidas 4 fotografias, que registram lugares e práticas do passado no Curso Normal do IEE, quais sejam: prédios do IEE, a turma na Escola de Aplicação e a apresentação de um trabalho em sala de aula.

3. Fotografias: um exercício do olhar sobre o outro olhar

3.1 - “IEE, prédio novinho em folha”: entre lembranças e esquecimentos

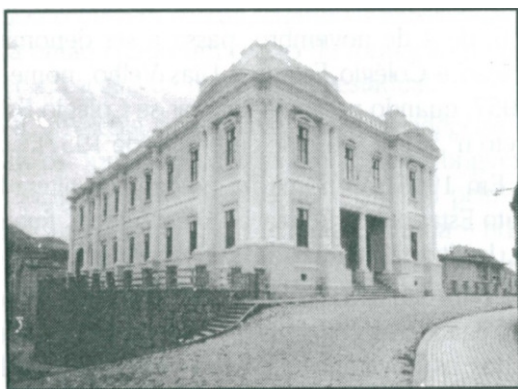


Figura 1 – Prédio Saldanha Marinho
Fonte: PEREIRA, 2007, p.16

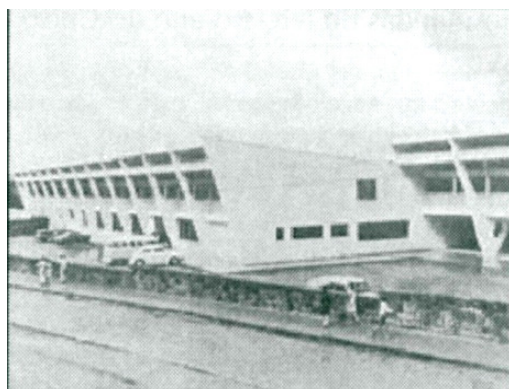


Figura 2 – Prédio da Av. Mauro Ramos
Fonte: PEREIRA, 2007, p. 17

As fotografias selecionadas (Figura 1 e 2) permitem olhar os espaços arquitetônicos dos dois prédios, situados em momentos históricos distintos. A primeira

⁸ A capa do livro Janela do Tempo apresenta uma fotografia das janelas do IEE, na Av. Mauro Ramos e na contra capa uma fotografia das janelas da antiga Escola Normal, situada na Rua Saldanha Marinho.

fotografia (Fig. 1) registra o prédio construído no governo Hercílio Luz, em 1924, na Rua Saldanha Marinho, que abrigou a Escola Normal Catharinense. A construção do prédio está relacionado à consolidação de um projeto de formação docente no Estado de Santa Catarina, no período republicano. A segunda (Fig.2), retrata o IEE recém construído, no início dos anos de 1960, na Av. Mauro Ramos, que pode ser considerado um *locus* de expressão da nova fase de modernização da cidade.

Acompanhando o processo de modernização do país na transição dos anos de 1950 e 1960 e em função da ampliação do Instituto Dias Velho, antiga Escola Normal Catharinense, surge necessidade de um novo espaço físico para tal empreendimento. Sendo assim, em uma área de 54 mil metros quadrados foi construída uma nova sede⁹ em substituição ao prédio da antiga escola normal. Registre-se que as duas edificações foram erguidas em espaços centrais, privilegiados geograficamente da cidade de Florianópolis.

O período em análise é um momento de particular importância para o Curso Normal do IEE e, conseqüentemente, para a turma da ex-aluna. Em 1965 essa turma inicia o curso no antigo prédio da Escola Normal e, um ano depois, será transferida para a nova sede. “Orgulhosos por poder participar de uma escola moderna, ampla e bem estruturada, nos deslocávamos com grande desenvoltura por todo aquele território” (PEREIRA, 2007, p. 35).

Ao observar as imagens, chama atenção a relação do edifício com o espaço exterior. A antiga Escola Normal apresenta sua entrada principal, por meio de uma escadaria voltada diretamente para a rua (Fig. 1). Assim, a proximidade com a rua permite pensar, também, uma proximidade com as pessoas circundantes e a facilidade de acesso ao interior/exterior da escola.

Já a nova sede apresenta um muro de pedras (Fig. 2) que estabelece certo distanciamento da área externa da escola. Essa disposição arquitetônica demarca o novo espaço da instituição, dificultando a entrada de pessoas de fora e também a saída do aluno, a não ser que permitido, como discute Leal (1998, p. 54).

Considerando meados da década de 1960 como período de implantação do regime militar, é possível indagar se as condições arquitetônicas da nova sede, acima apontadas, foram instrumentalizadas para a implementação de disposições disciplinares próprias deste regime, influenciando práticas escolares nem sempre eram percebidas

⁹ Atualmente, julho de 2011, o IEE ocupa a mesma área.

pelos alunos. O estudo de Escolano (1998, p. 26) mostra como espaço e tempo não são estruturas neutras, sendo assim, a arquitetura da escola é considerada um programa, uma espécie de discurso que na sua materialidade imprime valores de ordem, disciplina e vigilância.

Convém ressaltar que, neste período, fortemente marcado pelo autoritarismo e pela repressão, a escola reproduziu em seu interior o poder burocrático-administrativo onde suas direções “dançavam conforme a música”, instaurando e aperfeiçoando estratégias de controle e de disciplina, voltadas principalmente aos alunos (LEAL, 1989, p. 46).

Contrariando este cenário de repressão, as lembranças de Berenice, em relação ao coordenador de disciplina, membro da direção do IEE, levam a percebê-lo como uma figura querida pelos alunos, que a todos cativava e ajudava, sendo considerado um “paizão” (PEREIRA, 2007, p. 28).

Seguindo essa lógica, o Curso Normal, nesse período estaria diante dessa nova realidade. No entanto, tal realidade não emerge na narrativa do livro “Janela do Tempo”, isto é, da memória da ex-aluna. Assim, é possível pensar que a seleção da referida memória da autora funcionou como um filtro deixando no esquecimento aquilo que não era suportável?

3.2 – Escola Primária de Aplicação: “uma escola progressista”



Figura 3 – Normalistas no pátio da EDA
Fonte: PEREIRA, 2007, p. 34

Outro aspecto importante, que explicita o processo de modernização deste período, aqui focalizado no IEE, está relacionado à criação da Escola de Aplicação

(EDA). Criada com o nome de Escola Primária de Aplicação, em 1962, tinha como objetivo servir como laboratório as alunas do Curso Normal. Portanto, sua criação está diretamente ligada ao Curso Normal, funcionando como campo de estágio orientado e supervisionado.

Esta fotografia (Fig. 3), selecionada pela autora, parece colocar em evidência esta relação, pois retrata a turma em dia de prática de ensino, no pátio da EDA em 1966. Percebe-se as alunas em pose para fotografia e todas usando guarda-pó, diferente do uniforme utilizado nas aulas¹⁰, demonstrando que, neste espaço, as alunas já assumiam o papel de futuras professoras primárias.

Nas palavras da autora, quando esta escreve sobre os objetivos da escola é possível identificar indícios referentes à concepção de ensino da EDA: “proporcionar um ensino diferenciado às crianças ali matriculadas, fugindo do modelo de escola tradicionalista e dando condições a estas crianças para se desenvolverem de acordo com suas necessidades e potencialidades” (PEREIRA, 2007, p. 18). Percebe-se assim, uma aproximação das práticas escolares da EDA ao ideário escolanovista, em voga no Brasil, desde a década de 1920.

Cabe recordar que a Escola Nova surgiu na Europa e nos Estados Unidos, em oposição a escola “tradicional” defendendo o caráter ativista do ensino. No Brasil, o marco desse movimento foi a publicação do “ Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, no ano de 1932. Esse movimento envolveu intelectuais e educadores de vanguarda e tinha por objetivo implantar, na área educacional, reformas inspiradas em ideias e princípios renovadores para o sistema educacional.

Em oposição ao modelo tradicional de educação, os princípios da Escola Nova, colocariam os estudantes no centro do processo educativo, minimizando, dessa forma, o papel do professor. Para Vidal (2010, p. 498) uma nova dinâmica impulsionava as relações escolares, a ênfase no ensino dava lugar a aprendizagem e a psicologia experimental dava suporte à cientificidade da pedagogia. Propunha assim, uma pedagogia voltada para a compreensão da natureza psicológica da criança, buscando sua participação no processo educacional.

De modo geral, o início dos anos de 1960 foi um período de intensa experimentação pedagógica, com a predominância da concepção da pedagogia renovada (SAVIANI, 2007, p. 333). Porém, o mesmo autor indica o período como apogeu e crise

¹⁰ Em outras fotografias apresentadas no livro é possível identificar o uniforme escolar oficial.

da pedagogia nova, dando lugar à concepção tecnicista do ensino. A configuração da concepção tecnicista, no Brasil, está diretamente associada à ideologia política do regime militar, contudo, nessa análise não foram encontrados indícios que pudessem retratar tal passagem. O que permite interrogar, por que as memórias da autora não se detêm sobre esse ‘momento educacional e político’ que passava o país.

3.3 – Normalistas: “graciosas ararinhas empertigadas”



Figura 4 – Normalistas na sala de aula
Fonte: PEREIRA, 2007, p. 34

Ao observar a fotografia (Fig. 4), percebem-se as alunas posicionadas em forma de círculo e, em primeiro plano, há uma aluna com um pequeno papel nas mãos apresentando um trabalho, sendo que a professora ou professor não são identificados na imagem. Percebe-se que as alunas estão sentadas em cadeiras sem as mesas.

É possível também notar nessa imagem (Fig. 4) a presença exclusiva e maciça de estudantes mulheres na classe. Segundo Berenice, o grupo de alunos do Curso Normal, nesse período era composto por 141 jovens, entre eles 137 mulheres e 4 homens, “sala de aula apinhada de normalistas adolescentes” e “e uns raros varões perdidos por entre a fauna dominante” (PEREIRA, 2007, p. 86). Ao contrário, é interessante notar que o corpo diretivo, no período analisado, é composto predominantemente por homens, sendo que uma mulher, a professora Isabel da Silva Lins, figura como diretora da EDA.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2009), as primeiras escolas normais foram criadas em meados do século XIX, para a formação de docentes, de ambos os sexos. Homens e mulheres poderiam frequentar essas escolas desde que estudassem em classes e até em turnos diferentes. Criadas então para a formação de professores homens e mulheres, logo as escolas normais estariam matriculando e formando mais mulheres do que homens. Esse movimento daria origem ao processo de “feminização do magistério” (LOURO, 2009, p. 454). Pois, conforme esta autora:

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza. (Idem).

Nesse sentido os números apresentados por Berenice Sell, 137 mulheres e 4 homens, conforme o convite de formatura da turma de 1967, são significativos para pensar que essa “feminização do magistério” ainda é presença na década de 1960, no IEE. Dessa maneira, pode-se perceber que essas jovens, vão também se constituindo a partir de uma identificação para o magistério, mulheres “sendo preparadas para assumir a educação de um contingente magnífico de crianças” (SELL, 2007, p. 86).

Cabe ainda observar outro aspecto que compõe a cultura escolar analisada, ou seja, o uniforme escolar. Nessa fotografia, as alunas estão vestidas com roupas comuns, saias e blusas ou vestidos, demonstrando certo decoro no modo de sentar. Percebe-se assim que, mesmo não vestindo o uniforme escolar, existe a preocupação de demonstrar um modo de se comportar da mulher, uma padronização da futura professora na fotografia.

Ao mesmo tempo, ainda em relação ao uniforme escolar, identifica-se no livro estratégias utilizadas pelas estudantes para transgredir um modo de se comportar, não observado na fotografia, como parece indicar as palavras da autora: “Também era boa estratégia caprichar no passo, andar em grupo, enrolar o cós da saia do uniforme, para encurtá-la um pouco, sugerindo estimulantes ares de modernidade e rebeldia” (PEREIRA, 2007, p. 100). Assim, suscita indagar com a escola lidou com essas transgressões ou ajustes das estudantes, que ocorriam dentro e fora da escola.

4. Algumas considerações

Ao exercitar o olhar sobre o outro olhar, o da ex-aluna e autora do livro, dessa nova Janela do Tempo emergem lugares, tempos, pessoas, percepções e sentimentos como uma espécie de caleidoscópio (STEPHANOU e BASTOS, 2005, p.420). É, por meio dos diversos movimentos desse caleidoscópio que imagens são formadas pela memória e fotografia, compondo histórias do Curso Normal do IEE. A obra analisada, portanto, pode ser considerado vestígio de um passado vivido no Curso Normal, trazendo lembranças e esquecimentos em uma escrita, constituindo a memória e, no caso desse estudo, a fotografia, documentos da história.

Nessa perspectiva, “o conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. De imagens de espaços que, para nós, foram alguma vez e durante algum tempo, lugares. Lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, portanto, nossa história” (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 63). Uma história contada por sujeitos que, mesmo em silêncio, se moviam no interior das instituições escolares e carregavam consigo um olhar sobre a educação, um modo de se tornar professora e, assim, constituírem-se como mulheres no magistério.

Contudo, essa história tratando das memórias de uma ex-aluna pode levar às representações de um passado que, muitas vezes, induz a reducionismos na pesquisa em história da educação como discute Gatti (2011). Ou seja, aspectos tais como saudosismo, personalismo e particularismo são considerados riscos para a pesquisa em história da educação. Assim, olhar pela janela do tempo, percorrendo terrenos movediços da memória da ex-aluna, sobre o olhar de quem escreve esse estudo, oferece uma narrativa ora contraditória e ora produtora, pois permite analisar rastros do passado no presente, como tempos e lugares que constituem uma história do Curso Normal do IEE.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leticia Carneiro. *Política educacional e a criação do curso de pedagogia em Santa Catarina*. Palhoça: Ed. Unisul, 2008.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Orgs.). *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922-1923: as normalistas e a pedagogia da escola nova*. Campinas, SP: Alínea, 2009.

BENCOSTTA, Marcus, L. A. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História (São Paulo)*, v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 24 de abril de 2012.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura com programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Vinão & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRAGO, Antonio Vinão. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antonio Vinão & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GATTI JR, Décio. *História das Instituições Escolares: historiografia e aspectos teórico metodológicos da pesquisa*. (Prof. da Universidade Federal de Uberlândia). Palestra realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação/UDESC, Florianópolis, maio de 2011.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado. *Instituto Estadual de Educação: a erosão da ordem autoritária*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

PEREIRA, Berenice Maria Sell do Vale. *Janela do Tempo: um álbum de recordações*. Florianópolis: Edição da autora, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III – Século XX*. Petrópolis. Vozes, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 Anos de Educação no Brasil*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves. No Interior da Sala de Aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, p. 25-41, Jan/Jun 2009. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 15 de julho de 2011.